
Promovendo o Bom Relacionamento Entre o Pastor e o Professor

Roland J. Hill

Manter vivo o programa de educação da igreja envolve uma extraordinária batalha nesta época de inflação, diminuição de ganho real, apatia e ambigüidade dos pais com relação à educação cristã.

Contudo, por mais difíceis que sejam tais elementos, eles não se comparam com a destruição devastadora produzida por um precário relacionamento entre pastor e professor. Este relacionamento é crucial para o sucesso da escola da igreja. Por outro lado, não podemos negar que existe uma noção generalizada de que ignorando-se um problema, isto fará com que ele desapareça.

Certamente o relacionamento pastor-professor é apenas um dos muitos problemas que enfrentamos nas escolas da igreja. Entretanto, este é um dos mais importantes a serem resolvidos. Creio que restabelecer o relacionamento quebrado entre professores e pastores fará mais para assegurar o sucesso da escola da igreja do que qualquer outro passo.

Neste artigo, desejo investigar honestamente e avaliar os aparentes problemas entre pastores e professores. Para traçar um quadro tão claro quanto possível, vou depender dos muitos anos de experiência pastoral e de minhas recentes experiências como professor. Creio que a solução do problema começa com a identificação dele, não com acusações ou atribuições de culpa. Uma vez que o problema seja identificado,

podemos então buscar soluções.

Freqüentemente, quando procuramos identificar problemas, buscamos aquilo que é complexo, enquanto passamos por alto aquilo que é óbvio. O óbvio no relacionamento pastor-professor tem que ver com nossa compreensão de relacionamento. As escolas da igreja têm tido a tendência de desconsiderar preocupações acerca de relacionamento. Em lugar disto, a atenção é centralizada em orçamentos, índice de matrículas, e questões de controle. Muito tempo é gasto tentando aumentar as matrículas, resolver problemas financeiros e debater sobre quem deve controlar a escola, enquanto muito pouco tempo é gasto em se construir bom relacionamento. W. Oscar Thompson, Jr., em seu livro *Concentric Circles of Concern*, escreve:

*A palavra mais importante na língua inglesa, depois dos nomes próprios, é "relacionamento". Você pode dizer, Mas "amor" deve ser a palavra mais importante. Eu pergunto, Para onde irá o amor se não há relacionamento? Relacionamento é o trilho. Amor é o que movimenta-se sobre os trilhos. O amor move-se através do relacionamento.*¹

Devemos reconhecer que o sucesso ou fracasso de qualquer organização — igreja, escola ou família — depende, em grande medida, do relacionamento. Thompson está correto quando declara:

*Resolva os problemas de relacionamento e não haverá mais divórcio, guerra ou disputas entre empregado e empregador, entre trabalho e administração. Resolva os problemas de relacionamento e os problemas mais complexos da humanidade estarão resolvidos.*²

Na medida em que enfrentamos o problema do relacionamento pastor-professor, ele deve ser visto sob a perspectiva da malha dos relacionamento em geral.

Quais são as queixas mais comuns de professores quanto a pastores? Em recente discussão com o departamental de educação de uma associação, ele relacionou cinco críticas comuns:

1. Falta de simpatia com a condição dos professores, os quais são responsáveis para com o diretor da escola, pais, pastor, junta escolar, membros da igreja e departamental de educação.
2. Falha em ver o professor como um coobreiro e membro do time.
3. Comunicação com o professor apenas quando há um problema; falta de reconhecimento e apreciação, quando isto é apropriado.
4. Falta de conhecimento acerca do que está acontecendo na escola e, algumas vezes, visão da escola apenas como um encargo financeiro.

5. Falha em entender que os professores têm problemas fora da sala de aula, e que eles necessitam de atenção pastoral como qualquer outro membro.

Obviamente, relacionamento quebrado encontra-se na raiz de cada uma destas queixas. Restaure-se o relacionamento quebrado e o problema entre pastores e professores está resolvido.

O que os pastores dizem

Mas os pastores também têm suas reclamações acerca de professores. Aqui está a lista das queixas mais comuns:

1. Não apoiar o pastor diante dos pais, membros e colegas.
2. Não apoiar os programas da igreja, através de freqüência regular e participação.
3. Envolver-se em grupos políticos e questões controvertidas na igreja.
4. Exigir apoio pastoral quando está errado ou quando desempenha precariamente no trabalho.
5. Tornar-se defensivo quanto ao envolvimento pastoral na escola.

Claramente estes também são problemas de relacionamento, e uma boa dose de reconstrução de relacionamento poderia resolver a maioria destas preocupações. Não há espaço suficiente neste artigo para tratar com a validade destas queixas. Em lugar disto, vou procurar trabalhar com os problemas de relacionamento, conforme os professores e pastores os percebem. Qual é a fonte destas queixas? Qual é a maior fonte de irritação que impede a cicatrização da ferida? O que causa a fratura de relacionamento? Estas questões podem penetrar sob a superfície e descobrir os problemas reais.

Tanto pastor como professor são partes de uma organização. Ambos funcionam dentro de suas regras e estruturas; assim ambos são afetados pela organização. Devemos, portanto, perguntar que papel, se este é o caso, as praxes e a estrutura desempenham na quebra do relacionamento entre professor e pastor?

Examinar as praxes e estrutura da organização não significa deslealdade e talvez não seja mesmo algo essencial, mas simplesmente oferece um ponto de partida para a solução dos problemas. As organizações, por sua própria natureza, oferecem benefícios e efeitos colaterais negativos.

Um dos maiores efeitos colaterais da organização da igreja adventista é preparar o terreno para o conflito entre pastores e professores. Na maioria dos sistemas, a cadeia de comando funciona para minimizar conflitos em

comunicação e quebra de relacionamento. Mas dentro da estrutura da igreja, entretanto, pastores e professores são diretamente colocados em rota de colisão. As praxes claramente indicam que o pastor não é o supervisor imediato do professor. Contudo, porque a escola está em seu distrito e é apoiada pela sua congregação, o pastor freqüentemente é colocado em uma posição de supervisor imediato. Isto pode e realmente causa má compreensão entre pastores e professores. Isto acontece mais freqüentemente no ambiente de escola de igreja.

Outra inerente área de atrito é a mentalidade hierárquica da organização. A hierarquia coloca ênfase em vínculos e posições, os quais vêm os pastores em posição superior ao professor. Na mentalidade hierárquica, os cheques de pagamento do professor e do pastor podem vir do mesmo escritório, mas isto não significa que eles estão no mesmo time. Os professores estão no time B, e os pastores no time A. Isto naturalmente causa atrito entre pastores e professores. Tenho ouvido muitos professores dizer que eles não se sentem parte do time. A verdade é que todos estão trabalhando com o mesmo objetivo — a salvação de almas.

No mais elevado sentido a obra da educação e a obra da redenção são idênticas, pois na educação, como na redenção, “nenhum outro fundamento pode ser colocado por homem além do verdadeiro fundamento que é Cristo Jesus”. “E aprove go Pai que nEle habitasse toda a plenitude.”³

No trabalho de Deus não há escalões. A missão do professor, bem como a missão do pastor, é “buscar e salvar aqueles que estão perdidos”. Funções, papéis e responsabilidades são diferentes, mas ambos estão no mesmo time.

Obviamente, estes inerentes elementos de pressão estão na base dos problemas entre pastores e professores. Mas eles não deveriam provocar ruptura de relacionamento. Identificando o problema, podemos desenvolver soluções capazes de superar tais elementos.

Se os professores esperam estabelecer bom relacionamento com os pastores, eles devem tomar a iniciativa. Sentimentos feridos devem ser colocados de lado, e a missão de Cristo deve assumir a prioridade. Sabemos por experiência o que um relacionamento quebrado causa à escola; portanto, devemos estar prontos para tentar restaurar tais rupturas com os pastores. É claro que os pastores também têm responsabilidade em edificar o relacionamento; nossos filhos são muito preciosos para que fiquemos fazendo o jogo de esperar um pelo outro. Enquanto você toma o primeiro passo da iniciativa, aqui estão

algumas sugestões para construir bom relacionamento com o seu pastor:

1. Esteja seguro de sua posição no time. Permita que o seu pastor saiba que você está feliz em partilhar com ele no mesmo time. Então atue sempre como uma parte real do time.
2. Não permita que membros da igreja o coloquem contra o pastor.
3. Não seja apenas um professor devoto, mas também um professor eficiente. É muito mais fácil para o pastor ver você como parte do time quando você está fazendo um bom trabalho.
4. Encoraje o pastor a fazer uma visita pastoral. Não tema pedir-lhe conselho.
5. Convide o pastor para apresentar devocionais para sua classe e a envolver-se nas atividades da escola.
6. Lembre-se do seu pastor em suas orações diárias.
7. Sempre fale de forma positiva do seu pastor. Ao estabelecer relacionamento com o seu pastor, você está construindo uma ponte ao seu coração. Thompson resume isto muito bem:

Qual o propósito de uma ponte? Uma ponte é uma estrutura para tornar possível passar de um lado para o outro. Para nós como cristãos, construir uma ponte é construir um relacionamento que permite entrar no mundo da outra pessoa. Então, quando tivermos passado para o seu mundo, ele se sentirá seguro. Em retorno, ele virá ao nosso mundo. E este é um processo contínuo. Este é o processo que faz um relacionamento.⁴

Construir bom relacionamento entre pastores e professores certamente não resolverá todos os problemas da escola, mas sem dúvida produzirá bons dividendos.

Roland J. Hill é professor ascendente de religião no Southwestern Adventist College, em Keene, Texas, E.U.A.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. W. Oscar Thompson, *Concentric Circles of Concern* (Nashville: Broaman Press, 1981), pág. 13.
2. Ídem, pág. 15.
3. Ellen G. White, *Education* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Association, 1952), pág. 30.
4. Thompson, pág. 131.